

PROGRAMA PENSE, PESQUISE E INOVE A UFBA

PROUFBA *encomenda*

RELATÓRIO DE PESQUISA

**Análise de redes sociais e processos de integração grupal:
avaliando os impactos da política afirmativa de cotas em
uma universidade pública**

Antônio Virgílio Bittencourt Bastos (Coordenador)

Elisa Maria Barbosa de Amorim Ribeiro (Pesquisadora colaboradora)

Adriano de Lemos Alves Peixoto (Professor Colaborador)

José Garcia Vivas Miranda (Professor Colaborador)

Flávia Vitória Cruz (Bolsista de Iniciação Científica)

Lorene Luize Lisboa Amaral (Bolsista de Iniciação Científica)

Ludmila Maria Góes de Oliveira (Bolsista de Iniciação Científica)

Monalisa Arruda (Bolsista de Iniciação Científica)

Verônica Andrade Souza (Bolsista de Iniciação Científica)

Salvador, agosto de 2014

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, CRIAÇÃO E INOVAÇÃO – PROPCI

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO – PROEXT

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PROPG

Coordenação de Pesquisa e Criação (COPESQ)

***SUPERINTENDÊNCIA DE AVALIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL - SUPAD***





Análise de redes sociais e processos de integração grupal: avaliando os impactos da política afirmativa de cotas em uma Universidade Pública

Resumo

As universidades públicas no Brasil tem progressivamente aderido à política afirmativa de cotas com o objetivo de ampliar o contingente de grupos minoritários no ensino superior. Apesar da inserção assegurada pelo vestibular, o processo de integração dos cotistas na universidade ainda está por acontecer. No contexto universitário, torna-se preciso conhecer os impactos da adesão ao sistema de cotas e compreender como os atores universitários (professores, funcionários, estudantes) a favor ou contra as cotas têm convivido e quais as consequências deste padrão de interação para a permanência do cotista e a sua inclusão pela comunidade universitária. Estudos capazes de associar mapeamentos das relações entre cotistas e não cotistas e representações sobre a política de cotas podem trazer contribuições interventivas ao problema da integração de estudantes cotistas na universidade, embasando a implementação de ações favoráveis a consolidação deste processo de inclusão. A teoria de Redes Sociais permite compreender elementos estruturais e da dinâmica relacional de atores. Este estudo analisou padrões de interação entre estudantes cotistas e não cotistas em diferentes cursos de graduação da UFBA e a percepção destes sobre a interação e suas influências na vivência acadêmica. Através de um questionário semi-estruturado, foram mapeadas as relações de amizade, informação, lacuna e rejeição entre 1086 estudantes cotistas e não cotistas em cursos da UFBA de alta e baixa concorrência, no primeiro, terceiro e quinto semestres (corte transversal). Foram realizados três grupos focais sobre as cotas na UFBA, no curso e na turma. Os participantes foram estudantes de cursos de alta concorrência da área de humanas. Os resultados indicam maior tendência à separação entre os grupos nos cursos de alta concorrência e nas redes de amizade e informação. Quando observadas por subgrupos, os não cotistas apresentam maior endogenia no grupo, principalmente nos cursos de alta concorrência. Ao refletir sobre a interação entre os dois grupos, a separação na turma é mais percebida pelos alunos cotistas. No discurso dos não cotistas esta distinção aparece com maior frequência em relatos sobre outros cursos e no trato dos professores com alunos cotistas. Em geral os estudantes consideram que é papel da universidade atuar no processo de integração dos alunos e avaliam como relevante explicitar questões veladas no debate sobre políticas afirmativas. Como organização, a universidade precisa gerir a implementação das cotas como uma mudança de cultura organizacional de maneira a viabilizar uma convivência favorável a todos.

Palavras-chave: política afirmativa de cotas, análise de redes sociais, integração grupal.



Introdução

As universidades públicas no Brasil tem progressivamente aderido à política afirmativa de cotas para grupos minoritários, como negros e índios, com o objetivo de ampliar o contingente destes no ensino superior. Apesar da inserção assegurada pelo vestibular, o processo de integração dos cotistas na universidade ainda está por acontecer. Estudos sobre cotas nas universidades têm indicado que questões como meritocracia, falta de isonomia, segregação e diferenças de desempenho permeiam, ainda que implicitamente, o cotidiano universitário (Santos e Queiroz, 2005; Menin, 2008; Tarvanaro, 2009; Valentim e Candau, 2012; Santos, 2013; Ribeiro, Peixoto e Brito, no prelo).

A crescente valorização da ética da diversidade e a concretização de ações afirmativas nos variados espaços sociais não tem sido acompanhadas por ações preventivas de re-significação e fomento de uma cultura favorável à convivência dessas diferenças. No contexto universitário, torna-se preciso conhecer os impactos da adesão ao sistema de cotas e compreender como os atores universitários (professores, funcionários, estudantes) a favor ou contra as cotas têm convivido e quais as consequências deste padrão de interação para a permanência do cotista e a sua inclusão pela comunidade universitária.

A noção de integração social viabiliza a possibilidade de associação de papéis diversos em um conjunto de indivíduos, podendo gerar rompimentos ou representar ganhos em termos de complementaridade e benefício mútuo. Para ser concretizada, a integração social depende da existência e convivência de coletivos sociais distintos quanto a seus atributos e classes de pertença. Deve ser compreendida como uma questão de vínculos de um coletivo com outros ou de relações entre coletivos, ou seja, de relações externas. (Lozares, Roldán, Martí e Molina, 2011).

Uma das linhas de interesse no campo da coesão social é sua relação com questões de inclusão. Padrões de configuração que revelam diferenciação social podem resultar em desigualdade e exclusão quando estão sustentados em princípios de divisão e hierarquia que impedem a interação e consequente integração social (Lozares, Roldán, Martí e Molina, 2011). As coletividades valorizadas são aquelas congruentes como o modelo cultural dominante. Neste sentido, o processo de integração de minorias depende da abertura do grupo dominante a comportamentos não usuais.

Ao tratar de processos de integração de grupos distintos em casos de imigração, Berry (1997) descreve quatro possíveis desfechos no âmbito psicossociológico: assimilação, integração, marginalização e separação. O desfecho vai depender de qual ou quais grupos se estabelecem como referência cognitivo cultural. Quando a referência para o grupo imigrante é apenas a sociedade



autóctone, é um caso de assimilação. Na integração há dupla pertença, sendo ambas as sociedades uma referência. A separação se estabelece em casos de coesão endógena, em que apenas a sociedade de origem é levada em conta. Quando nenhum dos grupos se estabelece como referência, ocorre a marginalização.

Tendo o contexto universitário uma cultura de hegemonia euro-ocidental, os estudantes cotistas podem ocupar o lugar de estrangeiros, sendo fundamental investigar possíveis padrões de aceitação e rejeição entre os subgrupos de cotistas e não cotistas. Gonçalves e Silva (2003), destacam a importância da noção de multiculturalismo como expressão de reconhecimento do direito à diferença no processo de educação inclusiva. Para que a educação possua este atributo impõe-se a necessidade de desconstruir categorias hegemônicas para que o tema de pluralidade cultural não seja abordado de forma a acirrar atitudes de preconceito.

Foroni (2004) questiona qual deve ser a contribuição da universidade para que a igualdade imposta pelo sistema de cotas seja refletida em oportunidades equânimes e aceitação legítima de um grupo que tem acesso às instituições de ensino superior dessa forma. Uma das sugestões da autora é o incentivo à produção de conhecimento voltada para compreender este processo de inclusão e a construção de um currículo capaz de contemplar e acolher culturas diversas. Nesta direção, o ingresso do cotista na universidade como ação isolada, dissociada de um projeto pedagógico voltado para suprir suas necessidades não garante redução da desigualdade, podendo implicar em evasão, retenção e desempenho insuficiente. É preciso, portanto, suplantar a natureza de normalidade atribuída ao estudante universitário não cotista por meio de contextos educativos de fato inclusivos e plurais.

Na Universidade Federal da Bahia (UFBA) foi instituído um grupo de trabalho (GT) no ano de 2002 para elaborar e propor a política de ações afirmativas na universidade. O GT realizou um levantamento da demanda e classificação nos vestibulares compreendidos entre o período de 1998 a 2002. Embora cerca de 55% dos candidatos fossem negros e pardos e 40% provenientes de escola pública, menos de 30% de negros e pardos e uma proporção inferior a 10% de alunos de escola pública ingressaram em cursos como Direito, Odontologia e Medicina. Esse conjunto de dados evidenciou como principal objetivo da política afirmativa de cotas a ampliação do acesso de grupos em desvantagem a cursos onde foi identificada maior incongruência entre a demanda no vestibular e o perfil dos classificados. Além da reserva de vagas, o programa proposto pelo GT abrangeu eixos como preparação para o vestibular, permanência e pós-permanência. Em julho de 2004, foi



implementada na UFBA a política de ações afirmativas da UFBA, através da resolução nº01/04 elaborada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPPE, 2004). (Santos & Queiroz, 2013).

Alguns estudos no Brasil tem sido conduzidos de modo a avaliar a percepção dos universitários sobre as cotas. Menin (2008) estudou a representação avaliativa de 403 universitários sobre cotistas. O conflito entre mérito e igualdade compensatório foi predominante, havendo clara rejeição à política afirmativa de cotas, considerada como ameaçadora. Tarvanaro (2009) realizou um estudo sobre representações sociais de justiça subjacentes ao sistema de cotas para estudantes de quinto ano de direito da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Dos 84 participantes do estudo, 65 declaram oposição ao sistema de cotas raciais fazendo uso do argumento de isonomia. A formação de cunho tecnicista em direito foi apontada como propulsora da predominância de uma representação formal de justiça diante das cotas expressa no relato dos estudantes. O termo representação formal de justiça refere-se a uma representação acrítica e dissociada do contexto em que se insere.

Um estudo realizado por Valentim e Candau (2012) sobre a percepção de ex-alunos cotistas graduados sobre sua trajetória universitária, demonstram a meritocracia como principal dúvida direcionada aos cotistas e que a trajetória universitária foi marcada pelo estigma ligado à condição de cotista. A permanência na universidade e conclusão do curso foram viabilizadas por bolsas fornecidas pela universidade, pelo trabalho em paralelo aos estudos e via suporte social de redes de solidariedade.

Santos (2013) analisou as diferenças de percepção de vivência acadêmica de estudantes cotistas (1771) e não cotistas (3137) da Universidade Federal da Bahia. O estudo comparou o poder preditivo de componentes de variáveis de integração social e acadêmica em relação à satisfação com a formação e intenção de evasão dos estudantes. Dentre as seis variáveis consideradas no estudo (Integração Social com Professores, Maturidade de Carreira, Satisfação com o Desempenho, Comprometimento com a Meta de Graduação Inespecífica, Percepção de Oportunidades de Mercado e Integração Social com Colegas), a maturidade na carreira foi a que mais explicou a variância os escores de estudantes cotistas em relação à satisfação com a formação. Já para estudantes não cotistas, a integração social com professores foi a variável com maior poder explicativo. A integração social foi uma variável de distinção entre os dois grupos, sendo mais considerada pelos cotistas como fator de relevância na satisfação com a formação do que pelos não cotistas.



Os resultados de Santos (2013) podem indicar diferenças na natureza da relação estabelecida entre professores e estudantes cotistas e não cotistas na UFBA. A maior importância da integração social para estudantes cotistas pode representar o papel da integração social, como estratégia de busca por suporte social no processo de integração acadêmica. Embora os estudantes cotistas valorizem a integração social como fator de satisfação isso não indica que ela aconteça, principalmente com estudantes não cotistas.

Piotto (2010) entrevistou universitários de uma universidade pública, oriundos de camadas populares no intuito de discutir aspectos subjetivos da vivência acadêmica. Os estudantes relatam sentimento de não pertencimento ao grupo e dificuldade em conviver com os colegas da universidade por conta da discrepância da renda e da conseqüente diferença cultural. Diante dos esforços de ampliação do contingente de alunos de camadas populares na universidade, a autora destaca a necessidade de prover intervenções para minimizar as dificuldades enfrentadas por estes.

A dificuldade de alunos cotistas em estabelecer relações interpessoais no ambiente acadêmico foi apontada no estudo de Sousa, Bardagi e Nunes (2013). O estudo comparou a autoeficácia na formação superior e as vivências acadêmicas de estudantes cotistas e não cotistas por meio. Os estudantes responderam dois instrumentos, a escala de Autoeficácia na Formação Superior (AEFS) avaliando e o Questionário de Vivências Acadêmicas (QVA). Ambos os instrumentos avaliam aspectos formais (carreira, planejamento, metas, etc.), subjetivos (autoconceito, pro atividade, etc.) e interacionais (relacionamento). O grupo de cotistas apresentou médias significativamente mais baixas em autoeficácia na interação social (AEFS) e na dimensão interpessoal (QVA). Significa dizer que, quando comparados aos não cotistas, os cotistas percebem dificuldades na habilidade de formar vínculos de amizade e possuir rede de apoio na universidade.

Santos e Queiroz (2005), ao publicarem um relatório sobre o processo de implantação das cotas na UFBA, divulgaram as trocas de emails entre professores com argumentações acirradas pró e contra a política afirmativa de cotas. As opiniões contra enfatizam o conceito de raça como não científico; as diferenças entre Brasil e Estados Unidos nas questões referentes à segregação (considerando o Brasil um país mestiço e, portanto, mais ameno neste âmbito); a dificuldade de ingresso como questão social (renda) e não racial; a ênfase no mérito como cerne do ensino superior, sendo portanto as cotas um oportunismo; preocupações com as divisões sociais possivelmente eliciadas pela convivência entre os dois grupos. Diante da animosidade promovida no âmbito secular e acadêmico com a implementação das cotas, como passaram a conviver os diferentes atores envolvidos neste cenário?



Peixoto, Ribeiro e Brito (no prelo) utilizaram a Análise de Redes Sociais (ARS) para compreender o padrão de relações entre estudantes cotistas e não cotistas da UFBA, com base em medidas de homofilia (tendência a estabelecer relações com iguais) em três semestres (primeiro, quinto e terceiro). Os resultados indicaram alta coesão intra-grupos (cotistas e cotistas, não cotistas e não cotistas) e baixa tendência de estabelecimento de relações com diferentes. Com o objetivo de identificar atores potencialmente capazes de reduzir a segregação entre cotistas e não cotistas foram identificados atores com indicadores de intermediação e heterofilia (tendência a estabelecer laços com membros de grupos externos) importantes.

O estudo ancora-se no paradigma da Análise de Redes Sociais, campo de conhecimento que permite compreender de elementos estruturais e da dinâmica relacional de atores. Há o interesse em compreender como um ator se situa na estrutura de relações e como a estrutura emerge dessas micro-relações e as constrange. A ênfase está nos processos de inserção dos atores nas esferas associativas e como estas inserções permitem desenhos mais ou menos favoráveis a estes atores e à rede como um todo (Wasserman e Faust, 1994; Hanemman, 2001).

Na teoria de Análise de Redes Sociais, a homofilia é considerada um princípio organizativo básico das redes e prediz um padrão entre associação e semelhança, no qual o contato entre pessoas semelhantes ocorre em uma taxa mais elevada do que entre diferentes (McPherson, Smith-Lovin e Cook, 2001). Krackhardt e Stern (1988) argumentam que uma estrutura relacional efetiva não ocorre naturalmente. Assim, a tendência natural à conformação de laços internos é disfuncional e a formação dos laços na rede devem ser geridos estrategicamente na ampliação da densidade dos laços externos. A homofilia pode ser disfuncional não apenas para as organizações, mas também para os atores. Nas diversas redes pessoais que interatuam (amizade, informação, casamento, etc.) a homogeneização resultante da homofilia limita a variedade de informações disponíveis na rede, as experiências vividas pelos atores e conseqüentemente o leque de atitudes que formam (McPherson, Smith-Lovin e Cook, 2001).

Dando continuidade ao trabalho de Peixoto, Ribeiro e Brito (no prelo), esta pesquisa tem como objetivo investigar as relações entre estudantes cotistas e não cotistas na universidade em diferentes áreas de conhecimento, considerando as influências deste padrão de interação para a vivência acadêmica. Para isso, o estudo compreende duas etapas centrais: 1) análise e comparação dos padrões de configuração das relações entre cotistas e não cotistas nos cursos de maior e menor concorrência no vestibular no primeiro, terceiro e quinto semestres; e 2) identificação das principais



percepções dos universitários sobre as cotas na UFBA e sua influência na convivência entre cotistas e não cotistas.

Método

Procedimento de coleta de dados:

Para o mapeamento das redes, foi realizado um estudo de corte transversal com 25 turmas do primeiro, terceiro e quinto semestres de cursos de progressão linear (CPL) da UFBA. No total, 926 alunos responderam um questionário aplicado presencialmente em sala de aula. Todos os estudantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e assinaram termo de consentimento informado, tendo sido garantidos o sigilo das respostas e a opção de interromper a participação a qualquer momento.

Com o objetivo de descrever as percepções dos alunos sobre a integração entre cotistas e não cotistas na universidade foram realizados quatro grupos focais com estudantes de um curso de alta concorrência e com índices de homofilia (tendência a relação entre iguais). Os grupos foram conduzidos por integrantes da equipe de pesquisa, psicólogos ou estudantes de psicologia, previamente treinados na mediação de grupos focais.

Instrumento de pesquisa:

Para o mapeamento de quatro tipos de laços (amizade, informação, lacuna e rejeição) foi solicitado a cada estudante que escrevesse o nome dos colegas da turma que: 1. considera seus amigos (“amigos” aqui significa dizer os que você tem mais afinidade/proximidade); 2. procura para ter informações sobre as tarefas do curso; 3. não tem contato, mas gostaria de ter (lacuna); 4. não tem contato e não gostaria de ter (rejeição). Estas perguntas de rede integram um instrumento mais amplo que abarca variáveis de cunho sócio demográfico e de percepção de vivência acadêmica, dados do estudo 5 deste projeto de pesquisa.

As redes de amizade e informação caracterizam vínculos positivos e relações que existem no cotidiano da turma. A rede de lacuna representa também laços hipotéticos de natureza positiva, mas inexistentes. A rede de rejeição configura também laços hipotéticos, mas de cunho negativo. Ao todo foram mapeadas 93 redes distribuídas em 25 de amizade, 25 de informação, 23 de lacuna e 20 de rejeição. Quanto ao semestre pesquisado, 36 redes estão concentradas no primeiro semestre, 29 no terceiro e 28 no quinto. Essas diferenças na quantidade de redes pesquisadas por semestre se dá por



duas razões: o curso de medicina participou do estudo apenas no primeiro semestre e um percentual de turmas não informou redes de lacuna e de rejeição.

No caso dos grupos focais, a discussão sobre as cotas foi orientada por três pontos centrais: as cotas na UFBA, no curso e na turma. O tema da convivência entre os dois grupos foi aprofundado apenas quando emergente na fala dos alunos. Neste caso, foram discutidas possibilidades de causas e sugestões de estratégias de enfrentamento.

Amostra (ou Participantes de Estudo)

Ao todo, as redes pesquisadas são compostas por 1086 alunos da UFBA, ao adicionar os alunos que foram citados, ainda que não integrem o grupo de alunos que responderam o instrumento de pesquisa (926). Os alunos pertencem a 25 turmas, das cinco áreas de conhecimento ofertadas pela UFBA, em nove (9) cursos de progressão linear, são eles: direito e pedagogia, engenharia mecânica e química, medicina e farmácia, letras, design e artes plásticas. Dois critérios centrais orientaram a escolha dos cursos: 1) contemplar as cinco áreas de conhecimento oferecidas pela UFBA e; 2) abranger dois polos (alto e baixo) de concorrência no vestibular em cada área. Os cursos de concorrência mais baixa, mas que não formavam turmas com mais de 15 alunos entre o primeiro e o quinto semestres, foram substituídos pelos que atingissem este critério. Turmas com menos de 15 alunos poderiam comprometer o mapeamento das redes.

Participaram dos grupos focais 50 estudantes distribuídos entre quatro grupos (6 a 15 participantes). Um grupo foi composto de forma mista (presença de alunos cotistas e não cotistas) e outros dois foram compostos apenas por estudantes de um dos grupos (um de cotistas e outro de não cotistas). O objetivo da formação de dois grupos “puros” (apenas de cotistas ou não cotistas) foi de gerar espaço para expressão de crenças a favor ou contra as cotas. Embora seja possível que expressem opiniões divergentes sobre o tema, o fato de estarem entre “iguais” reduz o desconforto da discordância.

Variáveis investigadas

Cotas

O tipo de ingresso na universidade, sistema de cotas ou por livre concorrência foi a variável critério utilizada no estudo para classificar os estudantes em dois grandes grupos: cotistas e não cotistas (ingressos por livre concorrência). O dado foi disponibilizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação (STI) da UFBA à Superintendência de Avaliação e Desenvolvimento Institucional (SUPAD) da UFBA, órgão no qual este projeto de pesquisa é desenvolvido.



Até 2012, o sistema de cotas na UFBA foi orientado pela resolução 01/04 que estabeleceu reserva de 45% das vagas nos cursos de graduação da UFBA estando distribuídas da seguinte forma: 36,55% para candidatos de escola pública que se declararem pretos ou pardos; 6,45% para candidatos de escola pública de qualquer etnia ou cor; 2% de candidatos de escola pública que se declararem índio- descendentes (CONSEPE, 2004). Com a sanção da lei nº 12.711/2012 em agosto de 2012, a reserva de vagas passou para 50% e teve como principal alteração a inserção de critérios de renda. Dentre as sete modalidades de reserva de vagas, uma delas prioriza estudantes de escola pública, pretos, pardos ou indígenas, cuja renda seja igual ou inferior a 1,5 salário mínimo (Edital UFBA 2014).

Concorrência no vestibular

Os cursos das turmas pesquisadas foram escolhidos no intuito de contemplar as cinco áreas de conhecimento e representar os polos de concorrência alta e baixa na referida área. Os valores de concorrência tem como referência o vestibular da UFBA de 2012 (SSOA, 2011).

Medidas

A medida base de comparação entre as variáveis consideradas foi a proporção de laços externos (heterofilia) e internos (homofilia) na configuração das relações dos alunos em cada tipo de rede. A tendência de laços nos dois grupos pesquisados (cotistas e não cotistas) foi avaliada por meio do algoritmo E-I Index (Krackhardt & Stern, 1998). Pode variar de -1 a +1, sendo que valores negativos indicam homofilia e valores positivos, heterofilia. Ele é gerado subtraindo o número de laços internos (IL) dos laços externos (EL) e dividindo este resultado pelo número total de laços na rede: $E-I \text{ index} = \frac{EL - IL}{EL + IL}$

A rotina gerada no UCINET 6.501 tem saídas de e-i index em diferentes níveis da rede: na rede como um todo, de cada subgrupo estudado e de cada ator. Há ainda a medida de significância do e-i index geral indicando se há diferença entre ele e o e-i esperado. O E-I index esperado também é fornecido e é calculado com base na proporção de laços esperados considerando a quantidade de atores em cada subgrupo. Todas estas medidas foram utilizadas no estudo 1 com exceção do E-I index por ator.

Procedimentos de análise de dados

Os dados de E-I Index geral, esperado, de cotistas e não cotistas foram comparados por meio de estatísticas descritivas (média e desvio padrão), correlação e análise de variância. As medidas geradas no software UCINET foram inseridas em um banco de dados de SPSS como variáveis, juntamente com a concorrência no vestibular. Os tipos de rede pesquisadas, o semestre estudado e a



área de conhecimento serviram de base para exploração de diferentes recortes dos grupos de cotistas e não cotistas, principalmente nas comparações descritivas (média e desvio padrão e análise de variância). Nas medidas de correlação foi utilizado o coeficiente de spearman indicado para dados não paramétricos. Nas medidas de covariância foi utilizado o teste de Mann-Whitney, também indicam para dados não paramétricos (Field, 2012)¹.

Nos grupos focais, as falas dos estudantes serão transcritas e categorizadas de acordo com os três pontos orientadores da discussão: cotas na UFBA, no curso e na turma. Em seguida problemas identificados e sugestões de intervenção, destacando os atores (universidade, professores, alunos) envolvidos nas estratégias de enfrentamento propostas. Os temas emergidos serão avaliados quanto à frequência, bem como quanto ao sentido que assumem no contexto da problemática estudada.

Resultados

O primeiro estudo de mapeamento de redes de amizade realizado nos cursos de psicologia da UFBA (Ribeiro, Peixoto e Brito, 2012) indicou a necessidade de avaliar o comportamento das relações entre grupos de cotistas e não cotistas diante de outros cenários na universidade. O mapeamento de redes de variados tipos de laços, em cursos de diferentes áreas, padrões de concorrência no vestibular e semestres, buscou avaliar padrões de comportamento da homofilia influenciados por cada uma destas condições. A escolha por explorar quatro tipos de rede permitiu avaliar como o fenômeno da homofilia se expressou a depender do tipo de relação (amizade, informação, lacuna e rejeição). O desafio diante do conjunto de redes pesquisadas foi explorar os diferentes cenários descritos para ampliar a clareza sobre a interação entre os dois grupos de estudantes.

Importante lembrar que os dados apresentados são um comparativo das 93 redes mapeadas. Estas redes são mapeamentos das relações de 25 turmas de cursos da UFBA. Em cada turma foram mapeadas quatro redes: amizade, informação, lacuna e rejeição. Estas duas últimas não estão presentes em todas as turmas, por opção dos estudantes em não responder.

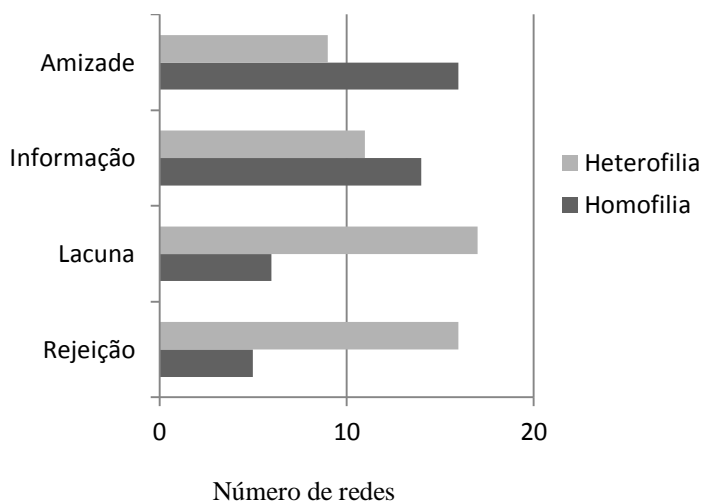
Um primeiro panorama sobre o fenômeno da homofilia nos diferentes tipos de rede pesquisadas indica a predominância da tendência à homofilia nas redes de amizade e informação. Tanto nas relações de amizade como nas de busca por informações sobre as tarefas do curso, cotistas

¹ Estas decisões foram tomadas após realização dos testes de assimetria, curtose e de homogeneidade de variância de Levene (não foram significativos).



tendem a estabelecer relações entre si, assim como os não cotistas. O gráfico 1 demonstra a frequência simples da presença de homofilia (E-I index <0) ou heterofilia (E-I index >0) nas redes pesquisadas.

Gráfico 1: Frequência simples da presença de homofilia ou heterofilia para cada tipo de rede pesquisada.



As médias, mínimos, máximos e desvios padrão, são demonstrados na tabela 1. Como indica a tendência demonstrada no gráfico 1, as médias de E-I index das redes de amizade e informação são negativas e as médias de E-I index redes de lacuna e rejeição apresentam médias positivas. A rede de lacuna é formada pelos laços entre os estudantes entrevistados e as pessoas com quem gostariam de se relacionar. O resultado positivo (heterofilia) indica o desejo mais predominante de estabelecer relação com pessoas do grupo externo. No entanto, quando perguntados sobre pessoas com as quais não se relacionam e não gostariam de se relacionar, também indicaram pessoas do grupo externo. A tabela 1, apresenta os valores das médias de E-I index (E-I) por tipo de laço.

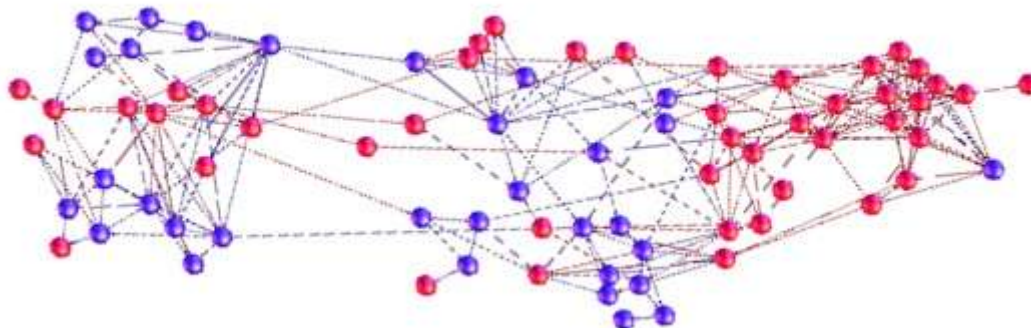
Tabela 1: Médias de E-I por tipo de laço

Tipo de laço	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
Amizade	-,426	,228	-,06788	,168388
Informação	-,355	1,000	-,03132	,284681
Lacuna	-,538	1,000	,09400	,272686
Rejeição	-,333	,667	,07465	,260323

Exemplos de redes com padrões de alta e baixa homofilia são apresentados na Figura 1, 2 e 3. Os círculos representam os alunos e as linhas as relações entre eles. As cores simbolizam a classificação dos alunos de acordo com a forma de ingresso: azul – cotistas, vermelho – não cotistas e cinza – outros (transferência interna, vagas residuais, etc.).

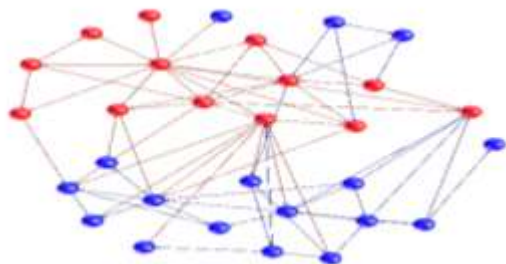
A primeira rede da figura é o mapeamento das relações de amizade de uma turma do terceiro semestre de um curso de alta concorrência da área de humanas. Esta rede é formada por 77 atores e 358 laços. A distância média entre os alunos na rede é de 4.6 caminhos ou laços. O diâmetro ou maior caminho entre dois atores nesta rede é 8. A densidade ou a proporção de relações existentes diante das possíveis é de 6%. O valor do E-Index desta rede é de -0.3. Este valor indica tendência à homofilia, ou seja, há predominância de relações entre iguais: cotistas com cotistas e não cotistas com não cotistas. A visualização da figura permite identificar a concentração de relações de acordo com o tipo de ator cotista ou não cotista.

Figura 1: Rede de Amizade de Curso de Alta Concorrência da Área 3



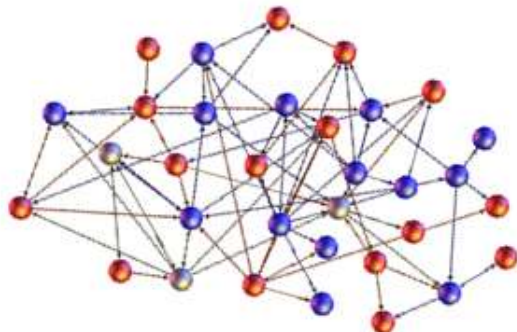
A segunda rede (figura2) mostra o padrão de interação entre alunos do primeiro semestre de um curso de alta concorrência da área de exatas. Composta por 32 atores e 80 laços, sua densidade é de 8%. A distância média entre os alunos na rede é de 2.5 caminhos ou laços. O diâmetro ou maior caminho entre dois atores nesta rede é 5. O valor do E-Index desta rede é de -0.4. Este valor também indica predominância de relações entre iguais e um padrão de baixa interação entre cotistas e não cotistas. Embora apresente um grau de homofilia maior que a anterior, o tamanho menor em relação ao número de atores, bem como de diâmetro e distância média indicam maior potencial (quando comparada à rede da figura 1) de melhoria do padrão de integração entre os dois grupos.

Figura 2: Rede de Amizade de Curso de Alta Concorrência da Área 1



Por fim, a figura 3 exemplifica um padrão de interação com tendência à relação entre diferentes, ou seja, de maior integração entre os grupos (E-I index 0.243). Representa as relações de informação de uma turma do primeiro semestre da área de humanas, curso de baixa concorrência. A rede possui 33 atores de 82 laços entre eles, que representam 8% de seu potencial. A distância média entre os atores é de 2.5 laços e a maior distância, 7.

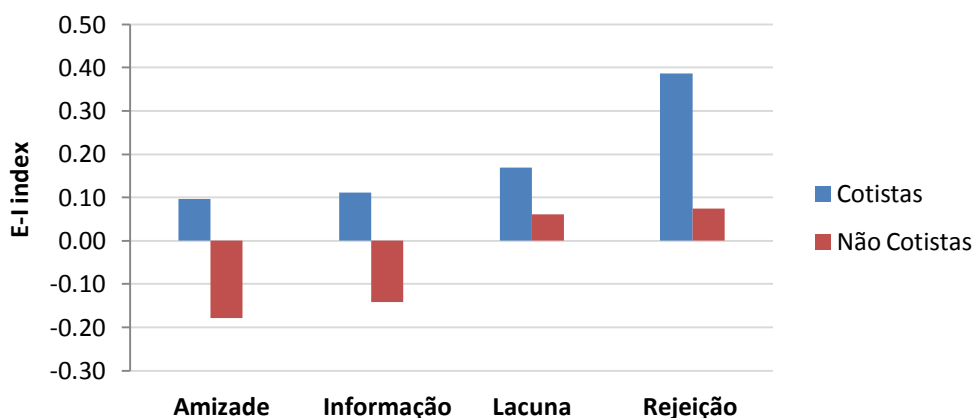
Figura 3: Rede de Informação de Curso de Baixa Concorrência da Área 3



A observação das médias em cada subgrupo (cotistas e não cotistas) por tipo de laço (Gráfico 2) informa se a tendência à homofilia ou a heterofilia, encontrada no índice geral da rede, está concentrada em um dos grupos. Em todas as redes pesquisadas os não cotistas apresentam médias mais baixas que os cotistas. Essa diferença é maior nas redes de amizade e informação, não apenas em magnitude, mas em tendências opostas: cotistas apresentando heterofilia e não cotistas, homofilia. Tanto na rede de lacuna como na de rejeição há tendência à heterofilia, sendo que na rede de lacuna as médias dos dois grupos são mais próximas e na de rejeição a média dos cotistas tem uma tendência maior à heterofilia.



Gráfico 2: Médias de E-I index por subgrupo em cada tipo de rede



Para avaliar se as diferenças entre as médias dos grupos de cotistas e não cotistas representam uma diferença significativa, foi realizada um teste de Mann-Whitney² (Field, 2009). Os dados são apresentados na Tabela 2, por tipo de rede, e informam que há diferença significativa entre as médias de E-I dos dois grupos pesquisados em todas as redes, com exceção da rede de lacuna: amizade ($W_s=144$, $p < 0,01$, $r = 0,65$); informação ($W_s=145$, $p < 0,01$, $r = 0,65$); lacuna ($W_s = 188$, $p > 0,05$, $r = 0,35$); rejeição ($W_s= 124$, $p < 0,05$, $r = 0,46$).

Tabela 2: Comparativo dos E-I de cotistas e não cotistas em cada tipo de laço

Tipo de Laço	Grupo	Média	Desvio Padrão	Ws	r
Amizade	Cotistas	0.10	0.29	144 ($p < 0,01$)	0.65
	Não cotistas	-0.18	0.25		
Informação	Cotistas	0.11	0.27	145 ($p < 0,01$)	0.65
	Não cotistas	-0.14	0.35		
Lacuna	Cotistas	0.17	0.32	188 ($p > 0,05$)	0,35
	Não cotistas	0.06	0.40		
Rejeição	Cotistas	0.38	0.47	188 ($p < 0,05$)	0,46
	Não cotistas	0.07	0.51		

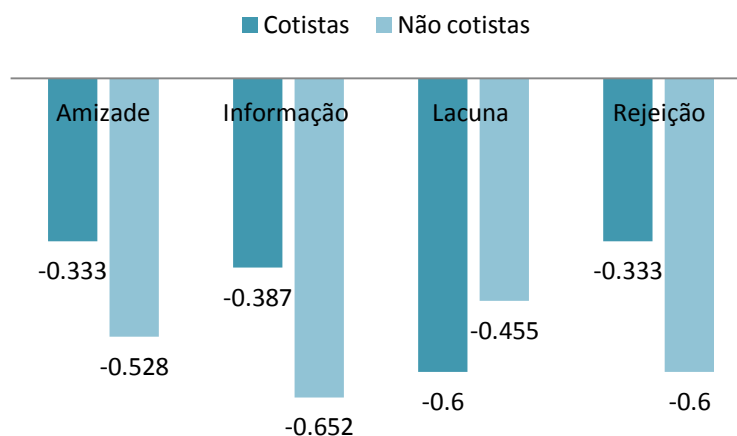
A observação mais detalhada das estatísticas descritivas permitiu identificar as turmas e os subgrupos (cotistas ou não cotistas) com maior grau de homofilia em cada tipo de rede, a partir da identificação dos e-i index mínimos por subgrupo (maior grau de homofilia ou de separação entre cotistas e não cotistas). O gráfico 3 mostra os maiores índices de homofilia (mais próximos de -1)

² Inicialmente foi realizada uma Anova de um fator, mas como o resultado do teste de Levene não foi significativo, optou-se por realizar um teste de diferença de médias para dados não paramétricos.



encontrados para os subgrupos de cotistas e não cotistas nas quatro redes. A seguir descreveremos a área a qual o subgrupo pertence, o semestre e se o curso é de alta ou baixa concorrência.

Gráfico 3: Índices máximos de Homofilia por subgrupo



Nas redes de amizade e informação todas as turmas com maiores índices de homofilia são de cursos de alta concorrência. Na rede de amizade, o maior grau de homofilia ($E-I = -0,528$) é encontrado entre não cotistas do terceiro semestre de uma turma de humanas. A maior homofilia entre cotistas ($E-I = 0,333$) aparece no primeiro semestre de uma turma de exatas. Na rede de informação, o maior índice de homofilia ($E-I = -0,652$) nos não cotistas é encontrado no primeiro semestre de exatas. O mesmo curso é o da turma em que o grupo de cotistas apresenta maior homofilia ($E-I = -0,387$), quinto semestre.

Na rede de lacuna, uma rede de laços desejados, a maior homofilia ($E-I = -0,6$) foi encontrada em uma turma de baixa concorrência de humanas, terceiro semestre. Esta foi a única rede em que o índice mais elevado de homofilia foi encontrado no subgrupo de cotistas. O maior índice dos não cotistas foi encontrado nesta mesma turma ($E-I = -0,455$).

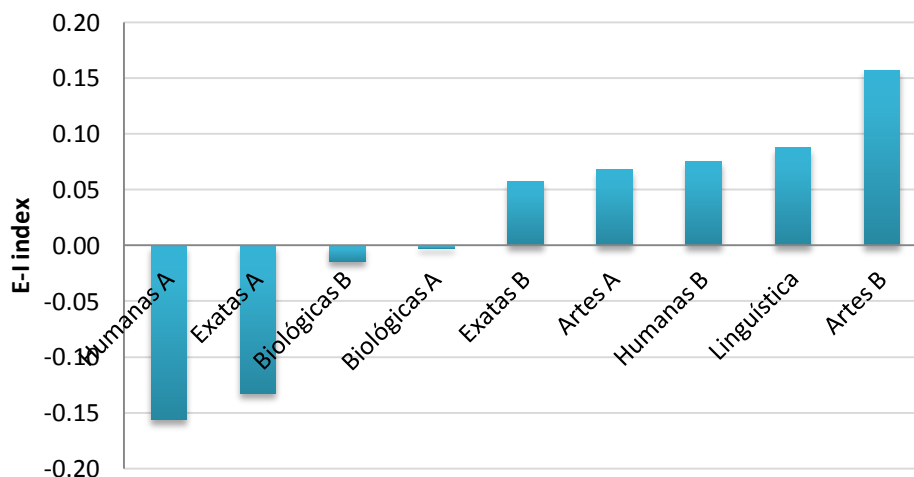
A rede de rejeição é uma rede de vínculo negativo. A homofilia neste caso indica rejeição por iguais e aparece com maior intensidade área de artes, primeiro semestre. Os índices entre 0 e 1 indicam rejeição pelo diferente, e seus maiores índices aparecem nas diferentes áreas de conhecimento estudadas e em todos os semestres pesquisados.

Ao observar apenas as médias de $E-I$ (Gráfico 4) por curso pesquisado, os cursos da área de humanas e de exatas de alta concorrência (A) aparecem com as menores médias, indicando maior



homofilia, e os cursos de artes e letras de baixa concorrência (B) com as maiores, indicando tendência à heterofilia.

Gráfico 4: Médias de E-I index por área por curso



A concorrência alta ou baixa dos cursos e/ou a área de conhecimento podem ter relação com a diferença de tendência apresentada nos cursos. Para considerar estas possibilidades foram testadas as correlações entre E-I e concorrência no vestibular, e entre E-I e área de conhecimento.

A medida de correlação entre o E-I index e a concorrência no vestibular foi avaliada comparando-se os diferentes tipos de rede e os dois grupos estudados (cotistas e não cotistas) para avaliar a existência e a natureza do relacionamento entre estas variáveis. Na rede de informação houve uma correlação negativa forte e significativa entre E-I index e concorrência ($r_s = -,524$, $p_s < 0,05$). Significa dizer que quanto maior a concorrência menor o E-I index ou, dito de outra forma, quanto maior a concorrência maior a tendência à endogenia nos grupos pesquisados. Nas demais redes, as correlações apresentaram uma tendência negativa de fraca à moderada e não significativa.



Tabela 3: Correlação entre E-I index e concorrência por tipo de rede pesquisada.

	Correlação E-I x Concorrência	Sig
Amizade	-,391	,053
Informação	-,524**	,007
Lacuna	-0,63	,776
Rejeição	-,219	,354

Diante das correlações mais baixas e menos significativas encontradas nas redes de lacuna e rejeição, foram comparadas as correlações entre os dois grupos (cotistas e não cotistas) apenas nas duas primeiras redes (amizade e informação), apresentadas conjuntamente na tabela 6. Apesar do relacionamento negativo entre concorrência e E-I index aparecer nos dois grupos, no grupo de não cotistas este relacionamento é mais forte e significativo ($rs=-,547$, $ps<0,01$)

Tabela 4: Correlação entre E-I index e concorrência por tipo de rede pesquisada

	Correlação E-I x Concorrência	Sig
Cotistas	-,114	,429
Não cotistas	-,547**	,000

Para avaliar se havia diferenças no comportamento do E-I index nas diferentes áreas de conhecimento foi realizado o teste de Mann-Whitney e não houve diferença significativa em nenhuma das redes pesquisadas. Em relação ao semestre pesquisado, com exceção da rede de lacuna, as menores médias são encontradas no primeiro e seguem crescentes com o passar dos semestres. Em um primeiro momento, seria possível pensar que, considerando as médias de E-I index em cada rede, a tendência seria a redução da homofilia nos grupos com o passar do tempo. Para avaliar se as diferenças encontradas no E-I index geral das redes entre os semestres são significativas foi realizado



o teste de Mann-Whitney (Field, 2009). Nos diferentes tipos de redes pesquisadas não houve diferenças significativas no E-I index entre os semestres pesquisados.

O discurso dos alunos sobre as cotas na UFBA

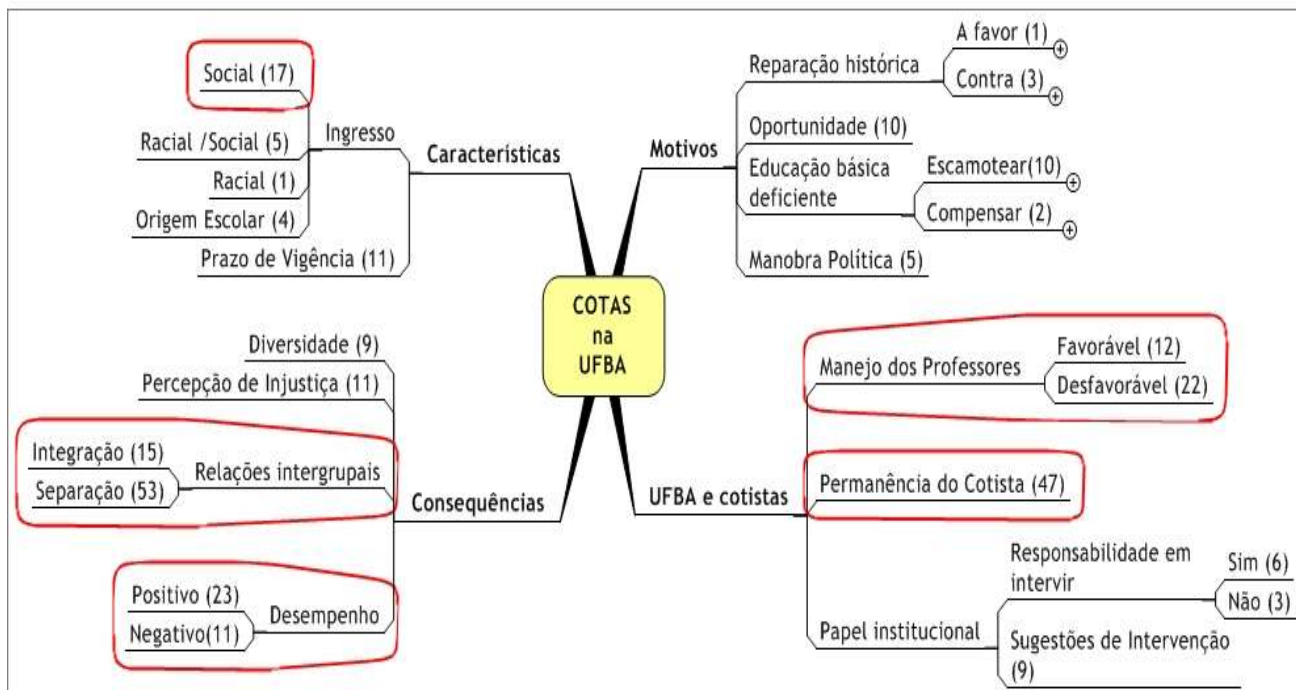
Uma vez analisados os dados de mapeamento das relações entre os alunos e o comportamento destes padrões de interação de acordo com o grau de concorrência, o tipo de rede, a área de conhecimento e o semestre, segue-se a análise das percepções dos alunos sobre as cotas na universidade e sobre a convivência entre eles no ambiente universitário.

Os três grupos focais analisados foram compostos por estudantes de um curso da área de ciências humanas de alta concorrência. A composição dos grupos foi determinada de acordo com a proporção de alunos cotistas e não cotistas em cada grupo. Um grupo foi composto apenas por estudantes cotistas, um segundo grupo foi formado com estudantes não cotistas e, por fim, foi formado um terceiro grupo misto. No grupo de não cotistas havia um estudante que ingressou pelo sistema de cotas, porém ele disse não se perceber como cotista por ser proveniente do colégio militar.

Ao ouvirem a consigna “Cotas na UFBA, e aí?” os estudantes abordaram o tema refletindo sobre os aspectos que justificam ou motivam a existência das políticas afirmativas na universidade; as características de operacionalização dessa política; possíveis efeitos da interação entre grupos distintos na universidade e fora dela; e a relação que a própria universidade estabelece institucionalmente com os alunos cotistas.

Cada tópico descrito acima abrange um conjunto de categorias que adquirem sentido e relevância distinta a depender da composição do grupo estudado. As categorias e suas respectivas frequências de evocação são apresentadas na Figura 4. As frequências apresentadas na figura englobam os três grupos pesquisados. Quando houver diferença relevante na presença e/ou magnitude da frequência de uma determinada categoria entre os três grupos, esta diferença será explicitada.

Figura 4: Categorias e suas respectivas frequências de evocação



Ao iniciar as discussões nos grupos focais, em geral, os alunos abordam o tema a partir dos motivos que justificam (ou não) a implementação da política: reparação histórica; abertura de oportunidade para uma parcela da população antes sem acesso à universidade; como forma de suprir ou escamotear as deficiências da educação básica; ou ainda como forma de manobra política para obter apoio político das minorias.

A ideia da política como forma de escamotear a deficiência da escola pública esteve presente no grupo de cotistas e no grupo misto. “Às vezes eu vejo o sistema de cotas como uma forma de... de maquiagem o sistema educacional completamente precário.” No grupo de cotistas e no grupo misto aparecem falas sobre a deficiência na educação básica, mas a política é vista como compensatória. “...se as cotas vêm pra suprir um ensino, um ensino público que é ineficiente, que não é de qualidade, é... se ela vem nesse intuito eu acho válido.” O posicionamento a favor ou contra o argumento de reparação histórica não aparece no grupo de estudantes não cotistas. No grupo misto há posicionamentos contra este argumento e no de cotistas, a favor. “Eu acho que pensar assim é muito limitante porque parece que as cotas viraram um favor em função de algo que aconteceu e eu acho que não é essa a proposta, eu acho que é justamente dar uma educação diferente” (Grupo misto).



Independente do grau de concordância em torno do argumento de reparação histórica, em todos os grupos, principalmente o misto, as cotas são percebidas como oportunidade para minorias ingressarem na universidade. *“O ingresso das cotas heterogeneizou o público universitário e possibilitou que diversos tom de pele, diversos CEPs, diversos saldos bancários possibilitados por essa iniciativa.”* (Grupo misto); *“É um sistema que busca igualdade entre as pessoas, as mais beneficiadas pelo sistema e tal e as menos que se não fossem pelo programa desse seria muito mais difícil estarem dentro da universidade.”* (Grupo não cotistas).

Elementos que caracterizam a política afirmativa no âmbito operacional, como os critérios de ingresso e o prazo de vigência estão também presentes nas falas iniciais sobre o tema. Nestas falas é possível identificar a representação que os estudantes fazem dos critérios, se são predominantemente sociais, raciais, de acordo com a origem escolar ou mais de um simultaneamente, ainda que esta não corresponda aos critérios efetivamente vigentes. A delimitação de tempo para existência da política afirmativa de cotas é outro aspecto de operacionalização presente nas discussões.

O debate sobre os critérios adequados ou não para o ingresso por cotas não aparece no grupo formado apenas por alunos cotistas. Nos demais grupos a argumentação mais persistente é em favor do critério social como determinante para o ingresso por cotas na universidade. A discordância aparece tanto em relação ao critério racial, como ao critério de origem escolar. Pelo teor dos argumentos, parece haver uma compreensão das cotas na UFBA como predominantemente “raciais”, o que destoa dos critérios atualmente adotados (sociais e raciais). *“Mas é isso, se você disser que a maioria dos negros são pobres então eles estarão contemplados na cota social”* (grupo não cotistas); *“Eu acho que a cor da pele pode não definir exatamente o que a pessoa pode ser, mas eu concordo com o social”*; *“Eu sou cotista de colégio militar e não senti nenhum despreparo pra entrar no vestibular, diferente de outro colégio particular, porque tem o CEFET e o Militar de Salvador e o Militar da polícia, que entram no grupo de cotas e não tem necessidade nenhuma dessas cotas. Então assim, eu defendo mais as cotas por renda do que as cotas por escola pública”*.

Apenas nos grupos misto e de não cotistas aparece a discussão sobre o prazo de vigência das cotas. Os estudantes consideram que a medida deveria ter um prazo delimitado para existir. O principal argumento utilizado é o de que a melhoria da educação básica tornaria a cota desnecessária. *“Ó, eu acho que as cotas surgiram no início foi pra dar um prazo pra o governo, se eu não me engano, é... melhorar o ensino público. Só que isso se estendeu a tanto tempo e meio que de medida paliativa se tornou uma medida... como é que eu posso dizer, já se instalou como se fosse algo assim...já tem dez anos como você falou?”* (grupo misto); *“Eu acho que surgiu como uma ideia*



paliativa e com prazo de validade, mas acabou ficando e as coisas não mudaram, a porcentagem de cotas eram menor e já aumentou, vem ganhando espaço”(grupo não cotistas).

Quando convidados a refletir sobre o tema de forma mais próxima do seu cotidiano, as cotas no curso e na própria turma, emergem temas relacionados a possíveis consequências da inserção de “diferentes” na universidade. Passam a aparecer a expressão de sentimentos de percepção de falta de equidade e justiça e reflexões sobre a promoção de diversidade, igualdade ou separação entre grupos de cotistas e não cotistas. Embora não “provocado” pelos mediadores, o tema do desempenho acadêmico satisfatório ou insatisfatório permeia as discussões nos grupos.

A separação entre cotistas e não cotistas é apontada em todos os grupos, com maior predominância nos grupos “puros”, e com maior frequência no grupo de cotistas. No grupo de não cotistas é percebido como algo que ocorre em outras turmas e cursos. No grupo de não cotistas a separação entre os grupos é relatada como algo experimentado no cotidiano da universidade. *“Eu ouço,... que na sala de Júnior... que uma parte da sala senta quem é cotista e a outra parte senta quem não é cotista...”*(grupo não cotistas); *“... de ver mesmo separação relacionada a questões sociais, pessoas que têm um maior poder aquisitivo que andam em grupinhos, pessoas que têm determinadas afinidades musicais que andam em grupinhos”* (grupo misto). *“As coisas de discriminação dos cotistas, eu nunca senti,... pelo menos no nosso curso, mas.. eu vejo que acontece... na porta dos banheiros femininos do PAF1...tem várias coisas assim: o banheiro está assim por causa dos cotistas, várias coisas escritas, daí pra pior”* (grupo não cotistas).

“Mas a pessoa passa pela gente no corredor, estuda na mesma sala e não dá um bom dia? A gente vai querer fazer festinha junto?” (grupo cotistas); *“E acho até que as pessoas já sabem, mesmo que não falem na sala, mas já sabem identificar que ali é cotista ali não é. Tanto que eu entrei depois, aí quando eu entrei os grupos já estavam todos formados, porque na primeira semana já forma, porque as pessoas já identificam logo”*(grupo cotistas).

Quando convocados a explicar possíveis motivos que conduzem à separação entre os grupos os alunos ressaltam questões como hábitos, lugares frequentados e consonância das rotinas entre pessoas de origens e renda semelhantes.

A percepção de falta de equidade e justiça emerge apenas no grupo de estudantes não cotistas e tem clara relação com a disputa de vagas no vestibular. *“...eu tentei vestibular no primeiro ano, de 90 vagas eu fiquei em septuagésimo, mas mesmo assim não fui aprovado por causa das cotas, no outro ano eu me sai bem melhor”*(grupo não cotistas); *“...eu passei no segundo semestre eu não passei em janeiro, passei só na segunda, eu tive uma boa colocação no vestibular... um cotista que*



ficou muito atrás de mim, muito atrás de mim passou, e eu por muito pouco “pagaria” por isso”. Esta percepção de injustiça é colocada por um dos alunos como um possível motivo de baixa integração entre alunos cotistas e não cotistas *“eu discrimino Joana não porque ela é menos que eu ou porque ela não tem tanta inteligência, mas porque ela é cotista e podia roubar minha vaga, me parece que é um pouco mais isso”*(grupo não cotista).

Quanto ao desempenho acadêmico, em geral os alunos relatam conhecer colegas cotistas com bom desempenho. *“tem muitas pessoas inteligentes entre os cotistas, que são responsáveis também pra estudar... muitos não são, como os não cotistas também...acho que não mudou o desempenho”* (grupo não cotista). Quando comentam sobre o desempenho baixo, relacionam com as condições de vida do estudante cotista e com a formação anterior de má qualidade. Neste momento o grupo passa a falar de permanência na universidade. *“...gera um disparate nos dois sentidos, tanto em permanência quanto aprendizado, porque se você tem toda uma estrutura à sua volta, a disponibilidade de um computador pra você levar pra faculdade, ...dinheiro até pra se alimentar, ... tem realidades absurdas, diversas dentro da universidade...na nossa turma mesmo entrou uma menina que saiu, porque ela não tinha dinheiro pra ir pra faculdade...”* (grupo não cotista).

No grupo de alunos cotistas a discussão sobre o desempenho encaminhou-se na expressão das próprias dificuldades vividas nas avaliações das disciplinas cursadas. Essa dificuldade foi expressa nas disciplinas de estatística, no volume de assuntos, e na exigência dos trabalhos. *“E quando eu chego na faculdade foi muito impacto, porque aquela coisa de estudar um dia antes não rola. E até hoje eu ainda não superei isso, estou tentando superar. E os trabalhos também, pra mim ainda é muita dificuldade ,eu nunca tive esse habito de estudar pra fazer um trabalho bem feito, sabe?”* (grupo cotista).

Outro momento das discussões que o desempenho aparece como tema é quando são citados exemplos sobre o trato dos professores com alunos cotistas. *“... ele mostrou as provas e falou: pela escrita ou pela argumentação aqui da pra perceber quem é de cotas, quem tinha berço e quem não tinha, quem estudou em escola particular e pública. E eu me senti muito mal por isso, porque eu vim de uma escola pública”* (grupo cotista). *“...sempre esperam dos cotistas que tirem as notas menores”* (grupo cotista, sobre manejo de um professor em sala). *“foi num curso de exatas...um professor chegou a verbalizar em sala de aula que os cotistas eram burros e que tinham um desempenho menor”* (grupo não cotistas).

No âmbito institucional, a necessidade de ações da universidade direcionadas à permanência do cotista na universidade é enfatizada pelos alunos. A dificuldade de permanência é mais associada



à dificuldade financeira e as reivindicações são quase sempre relativas a programas de assistência estudantil. A relação entre professores e alunos cotistas e se ela auxilia ou não a integração do estudante cotista sempre é trazida como fato relevante da inclusão deste aluno na universidade.

“Ainda que não fizessem nada, nenhuma intervenção direta, a própria postura de não adotar a ideia “cotista” (grupo cotistas).” “Eu tenho um vizinho que ele faz matemática e ele disse que o professor falou que depois das cotas todo mundo fica pedindo seminário em matemática...ele foi claro na sala de aula que depois que inventaram as cotas ta essa decadência no ensino” (grupo cotistas).

Ao avaliar a participação nos grupos focais os alunos consideraram relevante discutir sobre as cotas na universidade e explicitar questões antes veladas. Uma das sugestões de intervenção para reduzir a segregação entre os grupos foi promover discussões sobre o tema na universidade. *“Explicar um pouco das cotas, para as pessoas poderem entender mais sobre isso, eu mesmo não entendo, porque tem gente que fala, mas realmente não sabe o que é.” (grupo não cotistas).*

A diferença na frequência e natureza das falas nos grupos focais pode ter sido favorecida pela composição dos grupos. Diante de um tema que suscita debates, estar entre “iguais” ou diferentes influencia o grau de conforto ou desconforto em posicionar-se.

A separação entre os dois grupos foi mais frequente no grupo de cotistas e reconhecida como elemento que dificulta a vivência no cotidiano universitário. Os participantes deste grupo debruçaram-se sobre sua vivência acadêmica enfatizando a relação com colegas e professores e sobre seu desempenho acadêmico. Os grupos misto e de não cotistas tendem a lidar com a separação entre os grupos como algo que acontece distante do seu cotidiano, quase sempre exemplificada em outras turmas e/ou outros cursos. A queixa sobre a inexistência de um prazo delimitado para as cotas ou a percepção de injustiça apareceu com maior veemência no grupo de não cotistas. A expectativa negativa e o trato inadequado, por parte do corpo docente em relação aos cotistas é exemplificada nos três grupos.

Discussão

O estudo comparativo das redes nos diferentes cursos e semestre pesquisados evidencia elementos importantes na compreensão dos padrões de interação entre estudantes cotistas e não cotistas na universidade.

Um primeiro olhar, apenas para o tipo de laço pesquisado, demonstra o padrão de homofilia mais elevado nas redes de amizade e, principalmente na rede de informação. A rede de informação, é uma rede de informações sobre as tarefas da universidade. É o tipo de laço que reúne o caráter de



interdependência entre integração social e acadêmica na universidade. Pensando na distancia na rede como distancia entre as categorias sociais (McPherson, Smith-Lovin e Cook, 2001), o fato da rede de informação ser a com maior grau de homofilia, implica em reduzido suporte social entre os dois grupos de estudantes, principalmente dos não cotistas para os não cotistas. É preciso aprofundar as análises e associar estes dados com outros dados de redes por ator, como, por exemplo verificar a proporção de atores mais citados nas redes de informação e a que grupo pertencem (cotistas ou não cotistas).

Curioso o dado da rede de lacuna ter evidenciado heterofilia. Uma análise superficial faz pensar que quando há a opção de escolher conscientemente, embora não se consiga efetivar, há um desejo em ampliar a heterogeneidade dos laços, ou que a homofilia de base (características sócio-demográficas) pode estar sendo suplantada por uma homofilia de crenças e valores. Ou, pode-se refletir, ao pensar nas relações de fato existentes (amizade e informação), a homofilia estrutural supera a homofilia de valor. Indica ainda a existência de um potencial de ampliação da integração entre os dois grupos, já que há uma predisposição para se relacionar com o diferente.

O dado comparativo da homofilia nos subgrupos pesquisados (cotistas e não cotistas) chama atenção pelo fato dos cotistas apresentarem menor homofilia. Os estudos em organizações já demonstram que as minorias tem laços mais heterofilos, na busca por suporte social. Este dado se associa também com o trabalho de Santos (2013) quando informa a integração social como aspecto mais considerado pelos estudantes cotistas do que pelos não cotistas.

Torna-se preciso investigar, para além da busca por suporte social (e aqui estamos assumindo que os não cotistas tem um trânsito mais eficaz no âmbito universitário), que fatores podem interferir nesta falta de interesse dos não cotistas em buscar estabelecer relações heterófilas. Simplesmente o background familiar e cultural, simplesmente hábitos e falta de coisas em comum distanciam estes dois grupos? Ou reflexos do imaginário social sobre as cotas como ameaçadoras e injustas, já predispõem o grupo de não cotistas a reduzir o contato com os cotistas?

A evidência da concorrência como fator influente na promoção da homofilia ratifica os achados de conflitos intergrupais na psicologia social, quando em situações de escassez a cisão entre os grupos se torna maior e mais competitiva. Outro fator contribuinte é o abismo entre as classes sociais, que parece ser maior quanto mais alta a concorrência. É preciso fazer o levantamento da diferença de renda entre os grupos de cotistas e não cotistas e avaliar se esta é mais alta nos cursos de maior concorrência. Caso sim, pode ser que (novamente) o background cultural, familiar e educacional amplie as barreiras à interação.



Conclusões

O estudo de Peixoto, Ribeiro e Brito incentivou a Superintendência de Avaliação e Desenvolvimento Institucional da UFBA (SUPADI) a analisar o padrão de interação entre estudantes cotistas e não cotistas em diferentes cursos de graduação da Universidade Federal da Bahia. Nesta pesquisa, desenvolvido em 2013 com o apoio do PROUFBA 2012, foram pesquisados 860 estudantes de 9 cursos da UFBA, distribuídos nas áreas de conhecimento. Os alunos informaram as relações que estabeleciam com os colegas de turma, sendo mapeados 04 tipos de interação: amizade, informação sobre as atividades na universidade, lacuna (com quem gostariam de se relacionar) e rejeição (com quem não gostariam de se relacionar).

A análise comparativa das redes de amizade e informação analisadas até então, indica maior separação entre os grupos de cotistas e não cotistas nos cursos de concorrência mais elevada. Das 49 redes de informação e amizade mapeadas, 57% apresentam tendência à homofilia, ou seja, nestas turmas os alunos buscam manter relações de amizade e informação com alunos de mesma categoria (cotistas com cotistas e não cotistas com não cotistas). Esta tendência foi encontrada com maior frequência no terceiro e no primeiro semestres.

As discussões dos grupos focais trazem importantes pistas para compreensão do padrão de interação encontrado nas redes mapeadas. Os alunos identificam a homofilia e buscam explicá-la por duas razões centrais. Uma, a explicada pelo próprio fenômeno da homofilia, a tendência à relação entre iguais. A outra, a percepção de injustiça de que o “cotista” ocupou meu lugar ou de alguém “próximo”. Poder-se-ia pensar nesta percepção de injustiça como emblema de um debate maior pro e contra cotas que percorre o imaginário dos atores universitários de forma silenciosa. A expressão das controvérsias na maioria das vezes não se dá por palavras, mas parece refletir-se sobre as escolhas no processo de formação de laços.

Uma vez evidenciada a baixa interação entre estudantes cotistas e não cotistas na universidade, principalmente nos cursos de alta concorrência, e reconhecidos os benefícios da integração para ambos os grupos, é preciso avançar em estratégias de intervenção nesta direção.

Primeiro, ao pensar na Universidade como uma organização, e na adoção da política afirmativa de cotas como uma mudança de cultura organizacional, torna-se preciso avaliar os paradigmas desta mudança e o quanto estes foram “assimilados” pelos atores institucionais: professores, gestores, corpo administrativo, alunos e pela própria UFBA. Não se advoga um pensamento consonante sobre a política, mas uma reflexão amadurecida e menos estereotipada dos



seus objetivos, consequências e implicações para a universidade e seus alunos. A pergunta principal aqui é se houve algum tipo de ação para gerir esta mudança. Embora nos relatos sobre a implementação das cotas uma série de medidas além da reserva de vagas fosse mencionada, não parecem ter sido efetivadas ou não o foram na amplitude necessária.

A partir das reflexões dos alunos sobre sugestões de intervenção e dos estudos anteriores sobre cotas, é possível vislumbrar três eixos de intervenção: pedagógico, assistencial e relacional.

No eixo pedagógico a figura do professor ganha destaque em seu genuíno papel de educador em que fatores como expectativa positiva ou negativa sobre o aluno e o manejo da turma como grupo têm influência sobre o aprendizado. A promoção mediada do debate sobre cotas, a mediação em sala na ampliação da integração entre os dois grupos (por exemplo incentivo à formação de grupos mistos na realização de trabalhos), o feedback contínuo das necessidades de melhoria dos alunos são exemplos de atitudes pedagógicas favoráveis à inclusão do aluno cotista. Antes de pensar em exemplos operacionais, o professor precisa entrar em contato com suas próprias imagens sobre a política afirmativa e cotas, como estas imagens se expressam na sua prática em sala de aula e avaliar o quanto elas favorecem a formação de todos os seus alunos.

Ainda no eixo pedagógico, mas no âmbito de programas institucionais, é consenso entre os atores a má qualidade da educação básica na escola pública (com exceção dos colégios militares e federais). Torna-se preciso consolidar e ampliar experiências de monitoria no desenvolvimento das habilidades eixo como redação e manejo de conceitos matemáticos. Os cursos de idiomas são bastante requisitados pelos alunos e nos últimos anos a UFBA tem ampliado a oferta de programas para atender esta necessidade.

No plano assistencial, embora os programas de assistência estejam com metas de ampliação explícitas no Plano de Desenvolvimento Institucional da UFBA, a oferta parece ainda não abranger o contingente necessário. Este estudo não teve como objetivo realizar este diagnóstico entre o volume ofertado e a demanda dos estudantes. Mas nos três grupos focais realizados os alunos reconhecem a existência dos programas, mas avaliam que há muitos estudantes sem acesso a estes programas e chegam a relatar alguns casos de evasão. Torna-se preciso dimensionar a proporção de estudantes assistidos em relação à demanda e concentrar recursos para diminuir este hiato.

Por fim, no âmbito relacional, foco do nosso estudo, a primeira intervenção sugerida é a realização de um seminário de avaliação dos 10 anos de cotas na UFBA. Neste seminário, junto a outros trabalhos sobre cotas produzidos na UFBA, discutir amplamente os resultados deste estudo



com a comunidade universitária (professores, coordenadores, funcionários e alunos). A demonstração da convivência em subgrupos fechados junto à abertura do debate sobre a influência deste padrão de interação para a formação pode ser o princípio de um processo de elaboração e mudança rumo à integração destes. A construção conjunta de um plano de intervenção para melhoria da integração pode garantir a adesão à implementação destas intervenções.

Na direção da gestão da mudança organizacional, a promoção de espaços de discussão, de explicitação de crenças sobre as cotas e a desmistificação de estereótipos direcionados à política (como, por exemplo, de que é essencialmente racial), junto à compreensão dos efeitos da diversidade na eficácia organizacional, constitui o primeiro passo para integração.

Referências bibliográficas:

- Berry, J. W. (1997) Immigration, Acculturation, and Adaptation. *Applied Psychology* Volume 46, Issue 1, pages 5–34, January 1997 Recuperado em 13/09/2012. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1464-0597.1997.tb01087.x/pdf>
- CONSEPE, (2004). Resolução 01/04. Disponível em: <http://www.vestibular.ufba.br/docs/resolucao0104.pdf>
- Foroni, Y. M. D. F. (2004). Cotas para negros na universidade: um compromisso educativo de promoção de igualdade racial e social. *Pucviva*, 21. Disponível em: http://www.apropucsp.org.br/revista/r21_r06.htm
- Hanneman, R.A. (2001). *Introduction to Social Network Methods*. Riverside: University of Califórnia.
- Gonçalves, L.A.O. e Silva, P. B. G. (2003) Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas. *Educação e Pesquisa*, 29(1), 109-123.
- Krackhardt, D. & Stern, R. (1988). Informal networks and organizational crises: An experimental simulation. In *Social Psychology Quarterly*, 51(2), pages 123-140.
- Lozares, C, Roldán, P.L., Verd, J. M., Martí, J. & Molina, J.L. (2011). Cohesión, Vinculación e Integración sociales en el marco del Capital Social. *Redes -Revista hispana para el análisis*
- McPherson, M., Smith-Lovin, L., & Cook, J. M. (2001). Birds of a feather: Homophily in social networks. *Annual review of sociology*, 415-444.
- Menin, M. S. de S. et al. (2008) Representações de estudantes universitários sobre alunos cotistas: confronto de valores. *Educação e pesquisa*, 34(2), 255-272. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022008000200004>.



- Peixoto, A.; Ribeiro, E.M.B.A.; Brito, F. S. (no prelo) A análise de redes sociais informais e o estudo da diversidade nos grupos. In: A.V.B. Bastos, E. Loiola & H. Régis. *Análise de redes sociais nos estudos organizacionais*.
- Piotto, Débora Cristina. (2010). Universitários de camadas populares em cursos de alta seletividade: aspectos subjetivos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 229-242. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200008&lng=pt&tlng=pt. .
- Santos, P.V.S. (2013) Adaptação à universidade dos estudantes cotistas e não cotistas: relação entre vivência acadêmica e intenção de evasão. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/14513>
- Santos, J. T. & Queiroz, D.M. (2005) As cotas na UFBA: Relatório Final. Disponível em: <http://200.18.45.28/sites/afirme/docs/Artigos/es05.pdf>
- Santos, J.T. & Queiroz, D.M. (2013) O Impacto das Cotas na Universidade Federal da Bahia. In: Santos, J.T. (2013) *O impacto das cotas nas universidades brasileiras (2004-2012)*. Salvador: CEAO. p.37-66.
- Sousa, Heloiza de, Bardagi, Marucia Patta, & Nunes, Carlos Henrique Sancineto da Silva. (2013). Autoeficácia na formação superior e vivências de universitários cotistas e não cotistas. *Avaliação Psicológica*, 12(2), 253-261. Recuperado em 11 de mar • o de 2014, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000200016&lng=pt&tlng=pt. .
- Tarvanaro, V. G. (2009) Representações de justiça dos alunos do quinto ano do curso de direito da UEPG a partir da análise do sistema de cotas raciais. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Disponível em: http://www.bicentede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=412
- Valentim, D. F. D.; Candau, V. M. (2012). Ex-alunos negros cotistas da UERJ: os desacreditados e o sucesso acadêmico. Rio de Janeiro, 234p. Tese de doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Wasserman, S. & Faust, K. (1994). *Social Network Analysis: Methods and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press.